

A POTENCIALIDADE DA PESQUISA NARRATIVA PARA AS INVESTIGAÇÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA

Geórgia Stefânia Picelli Laubstein Oliveira - UNESP-RC
João Pedro Pezzato - UNESP-RC

Resumo

Neste artigo abordaremos algumas ideias discutidas no decorrer da Dissertação de Mestrado concluída no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp, Campus Rio Claro, São Paulo, Brasil, intitulada “História da Disciplina Geografia – contribuições da memória de uma educadora”. As discussões aqui tecidas centram-se nas questões metodológicas utilizadas no decorrer da pesquisa, bem como nas possibilidades oferecidas pelas investigações narrativas para a Educação, e em especial, para o Ensino de Geografia. Especificamente, procuramos desenvolver reflexões sobre os desdobramentos do registro das memórias da professora Livia de Oliveira para a compreensão do ensino de Geografia e seu desenvolvimento como um campo de investigação no Brasil. A partir da História Oral, realizamos três entrevistas com a professora Livia de Oliveira, as quais foram gravadas e depois transcritas. Seu relato oral, concebido como um documento de pesquisa nos forneceu dados significativos para o estudo do desenvolvimento da Geografia no Brasil. Seu depoimento apresentou indícios que nos ajudaram a tecer importantes reflexões sobre os caminhos percorridos pelas pesquisas no âmbito da Geografia Escolar.

Palavras-Chave: Memória, História Oral, Ensino de Geografia.

Abstract

In this article we will discuss some ideas discussed during the Master's Thesis completed at the post Graduate Program in Geography, Unesp, Campus Rio Claro, São Paulo, Brazil, entitled "History of the Geography Discipline - Contributions in memory of an educator." The discussions here woven focus on methodological questions used during the research and the possibilities offered by narratives research for education, especially for the Teaching of Geography. Specifically, we develop ideas about the ramifications of the memories of Livia de Oliveira for understanding the teaching of geography and its development as a field research in Brazil. From the oral history, we conducted three interviews with the teacher Livia de Oliveira, which were taped and transcribed. Your oral report, designed as a research document provided us with significant data to study the development of geography in Brazil. Her testimony provided some evidence that helped us make significant reflection on the paths traveled by research within the School Geography.

Keywords: Memorie, Oral History, Teaching of Geography

INTRODUÇÃO:

O presente estudo traz à tona algumas considerações sobre os caminhos trilhados por nós pesquisadores na busca de reflexões e compreensões sobre o Ensino de Geografia e seu desenvolvimento como um campo de investigação.

Nossa trajetória de pesquisa iniciada no Curso de Mestrado tomou como ponto de partida o relato biográfico da professora Livia de Oliveira, cuja atuação docente esteve voltada principalmente para a formação de professores de Geografia.

Livia de Oliveira nasceu no interior do Estado de São Paulo em 1927 fez o curso superior na Capital, na Universidade de São Paulo. Atuou como professora do ensino básico ao superior, aposentou-se como professora universitária e, com mais de 80 anos, em 2010, continua

trabalhando como voluntária, cadastrada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus Rio Claro-SP. Teve grande atuação na área de formação de professores de Geografia no início do processo de profissionalização da carreira docente no Brasil. Contribuiu em campos diversos da Geografia acadêmica e, como apontado, continua em atividade. Foi divulgadora da produção científica estrangeira de pouca circulação no país, traduziu materiais procedentes da denominada “Geografia e percepção ambiental” e desenvolveu trabalhos nessa linha. Contudo, destacamos a abrangência e repercussão dos trabalhos no campo do ensino de Geografia. Foi pioneira no desenvolvimento da investigação acadêmica para a área do ensino de Geografia no Brasil, em especial no campo da cartografia escolar. Com isso, permitiu que a cartografia ganhasse espaço e funcionalidade no ensino de geografia. Possibilitou, principalmente no âmbito da discussão teórica, que a cartografia escolar deixasse de ser uma simples transposição de conceitos e métodos empregados no meio técnico e acadêmico para o ensino básico. Além disso, seu trabalho repercutiu na proliferação de inúmeras pesquisas e formação de grupos de pesquisa dedicados à cartografia escolar que, na atualidade, contabiliza como uma das mais consolidadas linhas de pesquisa envolvendo o ensino de Geografia.

Ao longo de nossa pesquisa, discutimos alguns conceitos sobre memória, rememoração e História Oral, recorrendo a autores como Pierre Bourdieu (1986;1999), Walter Benjamin (1987), Jacques LeGoff (1990), Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira (2001).

As memórias, compostas por narrativas significativas podem suscitar ao próprio indivíduo que narra sua história, novos saberes, novas compreensões. Por esse motivo consideramos que as memórias carregam conhecimentos, experiências de vida que, quando vêm à tona, permitem reflexões àquele que rememora e também àqueles que dela se ocupam.

As reflexões suscitadas pela pesquisa realizada nos autorizam dizer que as memórias da professora Livia são memórias sobre Educação. Seu registro impede o seu esquecimento, e ainda, contribui na busca de novas reflexões sobre as histórias da Geografia e da Geografia escolar.

Portanto, as memórias da professora Livia, contadas a nós no decorrer da pesquisa, iluminaram nossas reflexões sobre o contexto em que a Geografia Escolar se desenvolveu como um campo de investigação. A compreensão de que a memória relaciona-se intrinsecamente à experiência individual, nos permite dizer que os conhecimentos suscitados pela rememoração dizem respeito à informações únicas porque pertencem à uma experiência de vida, que também é única.

Para que pudéssemos construir nossas próprias reflexões acerca do desenvolvimento do Ensino de Geografia como um campo de investigação, embasadas nas memórias da professora Livia de Oliveira, lançamos mão de uma metodologia que nos permitiu utilizar os relatos biográficos como documentos de pesquisa.

A História Oral, utilizadas em nossas investigações como metodologia, nos forneceu as técnicas específicas da pesquisa, bem como um conjunto de conceitos e procedimentos metodológicos próprios à investigação cuja fonte principal é a oralidade. Da mesma maneira, utilizamos um arcabouço teórico que nos permitiu discutir alguns conceitos importantes para a compreensão do relato biográfico da professora Livia como uma construção, composta por memórias individuais que se interrelacionam à memória de um coletivo, bem como por rememorações que permitem a articulação constante do narrador entre as experiências vividas no passado e o momento presente. (BENJAMIN, 1987; BOURDIEU, 1999; HALBWACHS, 2004)

Também associamos ao relato biográfico da professora Livia suas publicações acadêmicas como o Doutorado e sua Tese de Livre Docência, artigos publicados ao longo de sua carreira que versavam sobre o Ensino de Geografia; também utilizamos fontes documentais oficiais que tratavam do desenvolvimento da Geografia nas Universidades em que a professora Livia estudou e atuou como professora: Universidade de São Paulo - USP -, e a extinta Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro – atual Unesp, *campus* de Rio Claro.

Definido o objetivo da pesquisa e os caminhos metodológicos a serem seguidos, partimos para a realização das entrevistas com a professora. Estas foram gravadas em fitas cassete e depois transcritas. As transcrições embasaram a escrita de uma narrativa, estruturada com a intenção de facilitar a compreensão das memórias narradas pela professora.

AS ENTREVISTAS: CONSTRUÇÕES E POSSIBILIDADES

Desde o começo determinamos que nossa pesquisa sobre o Ensino de Geografia estaria baseada em dados qualitativos, no caso, as entrevistas. Assim sendo, nossas reflexões aconteceram principalmente a partir do que a professora Lívia nos contou acerca do Ensino de Geografia.

Nas investigações realizadas as considerações de Bourdieu (1999) contribuíram, especialmente, na estruturação da situação das entrevistas, bem como possibilitou-nos a compreensão do relato biográfico (e da própria narrativa) como um documento construído a partir da relação intrínseca entre pesquisador e entrevistado.

Muitas vezes não nos damos conta das potencialidades oferecidas pela oralidade. O rigor metodológico de uma pesquisa pode, em muitos casos, ofuscar o quão potente é o relato de uma pessoa, ou quantas ‘pistas’ uma rememoração oferece ao pesquisador. Entretanto, para que uma entrevista, ou para que a oralidade seja de fato uma contribuição à pesquisa, em especial, no campo da Educação, é muito importante que o pesquisador saiba e atente para a estruturação dessa oralidade transcrita, buscando compreender essa transcrição como um documento tão válido quanto qualquer outro documento oficial publicado baseado em séries estatísticas, por exemplo.

Em termos mais específicos, dizemos que o rigor metodológico é de suma importância para o sucesso de uma pesquisa qualitativa cuja fonte documental principal é o relato oral.

Nosso trabalho de fato só poderia ser iniciado a partir do relato biográfico da professora Lívia. Assim, fizemos uma primeira entrevista em abril de 2005, da qual participaram os orientadores da pesquisa e eu – uma pesquisadora iniciante de um Curso de Mestrado.

É preciso salientar que se não fossem as orientações fornecidas por Bourdieu (1999) sobre a conduta necessária nas investigações com entrevistas, muito pouco teríamos apreendido da primeira experiência como entrevistadores. Isso porque a primeira entrevista foi permeada por situações conflitantes, especialmente entre entrevistadora recém ingressa num Curso de pós graduação, e entrevistada, a professora Lívia de Oliveira.

Este primeiro encontro foi marcado pelo que Bourdieu (1999) chamou de uma “comunicação violenta”. Logo no início da entrevista ao ser questionada sobre seus pais nossa entrevistada reconhece a diferença de capital cultural que permeia a situação de entrevista:

Pesquisadora -O que faziam os pais da senhora? A profissão deles?

Professora Lívia: Eu não..., você..., fale bem porque eu não escuto o que você fala...eu sou surda!

Pesquisadora -A profissão dos seus pais, o que os seus pais faziam?

Professora Lívia: Minha mãe era professora primária, só que eu tenho que fazer um destaque que naquela época, uma professora primária, formada pela escola da Caetano de Campos era como uma Faculdade.(...)

-Pesquisadora- Tá. Sobre a sua vida então... e quando e onde a senhora fez o curso primário?

Professora Lívia: Não escuto o que você fala. Por favor, eu tô explicando pra você que eu tô surda. Você fala pra baixo, fala pra dentro. Você não é uma professora, porque o professor fala pra fora, não pra dentro. (Trecho da entrevista realizada com a professora Lívia de Oliveira, Rio Claro-SP, 2005)

Em outro trecho, ao ser questionada sobre a realidade vivida enquanto professora do Ensino Básico, mais uma vez a dissimetria entre o capital cultural do entrevistador e entrevistado é reconhecida e posta em evidência através das respostas dadas à uma pergunta aparentemente simples:

Pesquisadora – Com relação ao comportamento, como era a disciplina?

Professora Livia – Comportamento eu não posso falar, porque eu sou piagetiana, viu! Você não pode usar essa palavra pra mim, você tem que usar a palavra conduta, falou comportamento você está querendo que eu lhe diga... não posso, como você usa essa palavra aqui?

Pesquisadora – Então, como era a conduta?

Professora Livia – Como você fala comportamento pra mim? De jeito nenhum! A conduta de que você quer saber? Dos alunos, dos professores?

Pesquisadora - Com relação aos alunos.

Professora Livia - Dos professores? Não, a conduta era de autoridade; o professor dava a aula em geral em pé, um ou outros que dava sentado, usava lousa, nós tínhamos livros pra seguir, e era tradicional, vamos dizer, mas a gente aprendia, viu! Por exemplo, o de História fazia uns parênteses e caminhava através da História, e nós prestávamos mais atenção com essas viagens que ele fazia por toda a História. (Trecho da entrevista realizada com a professora Livia de Oliveira, Rio Claro-SP, 2005)

A experiência da primeira entrevista nos trouxe como conhecimento imprescindível a necessidade de que o entrevistador conheça, previamente, o seu entrevistado, suas convicções, suas obras, ou em termos mais adequados, a estrutura social na qual o narrador de uma história está inserido, bem como a representatividade de suas ações no meio em que vive.

Há, portanto, numa ‘comunicação violenta’, uma dissimetria entre pesquisador e entrevistado. Essa dissimetria é acentuada quando existem diferenças hierárquicas de capital, especialmente de capital cultural. A diferença na linguagem empregada no decorrer da primeira conversa, bem como a distância social e a não familiaridade entre entrevistadora e entrevistada favoreceram uma conversa tensa e de difícil continuidade. Entretanto, durante a situação da entrevista devemos nos colocar no lugar do entrevistado, tendo consciência de que se estivéssemos no lugar dele pensaríamos como ele. A idéia de se colocar em pensamento no lugar do entrevistado, não diz respeito a projeção de si em outrem, mas sim a uma compreensão do que ele é, fundada no domínio das condições sociais das quais ele é o produto. “É preciso ser dito que compreender e explicar são a mesma coisa.” (BOURDIEU, 1999, p. 695-700)

Após as dificuldades da primeira entrevista, sentimos que era necessário estreitar a aproximação com a professora Livia, ainda mais considerando a importância de novas entrevistas para a compreensão de nosso objeto de investigação.

Entretanto, era necessário compreender os pontos de vista da nossa narradora, especialmente porque para compreender o que é dito numa conversa é preciso que saibamos ler, nas palavras do entrevistado, a estrutura das relações objetivas, passadas e presentes, entre a sua trajetória e a estrutura do espaço social no qual o entrevistado está situado, pois “(...) somente quando se apóia num conhecimento prévio das realidades que a pesquisa pode fazer surgir as realidades que ela deseja registrar.” (BOURDIEU, 1999, p.706)

As distâncias que permearam a realização da primeira entrevista nos motivaram a aprofundar nossas reflexões sobre o rigor metodológico que envolve uma pesquisa centrada em dados qualitativos. Tal rigor nos apontou a necessidade de associarmos a oralidade à produção acadêmica da professora Livia.

Desse modo, podemos dizer que as memórias não bastam para compreender uma trajetória; não podemos ter a pretensão de afirmar e confirmar acontecimentos apenas a partir das memórias de uma pessoa. O rigor de uma pesquisa embasada em dados qualitativos exige que os eventos de uma vida sejam conhecidos, entretanto, e mais importante, é saber com quem estes eventos aconteceram. (WOOLF, 1986)

Durante o percurso de investigação, procuramos conhecer e compreender a produção acadêmica da professora Livia, bem como seu discurso sobre sua prática como professora de Geografia. Com tais dados - produção escrita e oral - estabelecemos sentido para tais representações sobre

Educação e Ensino de Geografia, pois conseqüentemente, essas representações influenciaram a Geografia Escolar produzida pela depoente.

Cabe destacar que os textos acadêmicos produzidos pela professora, seu relato oral e também a própria pesquisa que fizemos, foram concebidos como construções produzidas intencionalmente. Tratam-se de ‘documentos-monumentos’, na concepção de Jacques LeGoff (1990, p. 535), ou construções resultantes de uma montagem – consciente ou inconsciente –, compostas por ‘materiais da memória’ que são os monumentos, ou a ‘herança do passado’, e que guardam a história de uma época, da sociedade que o produziu. O monumento é um sinal do passado, aquilo que pode perpetuar a recordação; para este autor

[...] o documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento [...] que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. [...] qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo, talvez sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LeGoff, 1990, p. 535-548)

Além de considerarmos os documentos e a própria oralidade como construções, procuramos refletir sobre a questão da seletividade exercida pelo narrador no momento em que é convidado a rememorar seu passado. A seletividade da memória faz com que os relatos de vida sejam fragmentos de uma trajetória, trechos de uma história. Portanto, julgar que um relato biográfico possa revelar verdades sobre uma vida é um engano. Todos nós, seres humanos, somos complicados, e mesmo que tentemos encontrar explicações para nossa própria vida, certamente só conseguiremos descobrir algumas razões possíveis. Além disso, quando lembramos do nosso passado recordamos de momentos; não conseguimos lembrar de todos os detalhes de um dia inteiro; muitos desses detalhes ficam esquecidos, e talvez sejam tão importantes quanto os que lembramos. (WOOLF, 1986)

Portanto, não podemos conceber o relato biográfico como uma história capaz de contemplar *a vida de um indivíduo*. Tratar a vida de uma pessoa como uma história “[...] talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.” (BOURDIEU, 1986, p. 185)

Mesmo que uma pessoa queira revelar todas as suas verdades, encontrará obstáculos porque sua identidade, constituída socialmente, o inscreve num tempo e espaço determinados. Aquele que resolve contar sobre seu passado certamente irá se esforçar na apresentação de si mesmo. Da mesma forma, a construção do discurso tende a ser influenciada pelas leis da biografia oficial, isto é, tende a ser uma montagem na qual o relato de vida se apresenta como oficial. (BOURDIEU, 1986)

E dessa forma, considerando todas as especificidades que envolvem uma pesquisa com relato biográfico, é que realizamos mais duas entrevistas com a professora Lívia. Estas se diferenciaram especialmente no que tange a proximidade estabelecida, pouco a pouco, entre pesquisadora e entrevistada.

A terceira entrevista, em especial, ocorreu na casa de Lívia, diferentemente dos encontros anteriores marcados no próprio prédio da Universidade em que a professora lecionava. Nesse terceiro encontro conversamos mais detalhadamente sobre a pesquisa que estávamos fazendo; conversamos sobre a paisagem que podíamos avistar da janela de sua casa, das homenagens que ela já havia recebido por seu trabalho como Geógrafa. O tom amigável marcou essa terceira entrevista:

Pesquisadora – Voltando um pouco professora, como a senhora vivenciou...

Professora Lívia – Me chame de Lívia, eu acho que quando vocês falam... Eu não sou sua professora, agora você é minha colega.

Pesquisadora – Ta bom, que ótimo Livia. Então voltando um pouco Livia, como você..., posso te chamar de você?

Professora Livia – Claro, aluno de primeiro ano aqui me chamava de você e eu gostava. (Trecho da transcrição da entrevista realizada com a professora Livia de Oliveira, Rio Claro-SP, 2007).

Como se pode notar, foi um encontro agradável que nos permitiu entender o que Bourdieu (1999, p.699) quis dizer ao apontar que a entrevista é uma situação social em que os efeitos produzidos podem afetar os resultados obtidos, e que, para tentarmos diminuir a distância existente entre o pesquisador e entrevistado é necessário um ‘exercício espiritual’ no qual devemos nos colocar no lugar do entrevistado, tendo consciência de que se estivéssemos no lugar dele pensaríamos como ele.

Assim, o rigor metodológico numa pesquisa qualitativa baseada em relatos biográficos faz com que saibamos dar o tratamento adequado aos fatos narrados e registrados. Desse modo, é preciso que o pesquisador compreenda que uma investigação narrativa não se baseia no julgamento das decisões tomadas pelo narrador em sua trajetória de vida, tampouco consiste em procurar comprovar a validade das ‘verdades’ contadas pelo narrador.

A partir da terceira entrevista pudemos entender que o entrevistador deve colocar-se no lugar do entrevistado, ou daquele que narra uma história, para poder compreendê-lo tal como ele é, suas particularidades e as condições sociais que o fizeram ser o que é.

As diferenças entre as três entrevistas realizadas comprovaram que esse tipo de trabalho é uma incessante construção. Construção que requer do pesquisador uma disposição de perseguir a verdade, atentando para o fato de que as entrevistas oferecem inúmeras interpretações e possibilidades, mas também têm suas limitações.

Pesquisas que tem como objeto de estudo entrevistas biográficas exigem do pesquisador um certo distanciamento das emoções que a narração de uma história vivida pode trazer. É preciso que o pesquisador reconheça e entenda seu lugar social e que compreenda as entrevistas como documentos capazes de fornecer subsídios à compreensão de um determinado problema de pesquisa.

Assim, procuramos registrar as entrevistas de forma rigorosa, especialmente no que tange a especificação do ponto de vista. Embora a pergunta do entrevistador é que desencadeia a narrativa, é imprescindível que o pesquisador avise ao leitor que o relato presente na entrevista diz respeito ao ponto de vista da pessoa interrogada, e não do pesquisador. Nesses termos, o rigor diz respeito ao controle permanente do ponto de vista:

O sociólogo não pode ignorar que é próprio de seu ponto de vista ser um ponto de vista sobre um ponto de vista. Ele não pode re-produzir o ponto de vista de seu objeto, e constituí-lo como tal, re-situando-o no espaço social, senão a partir deste ponto de vista muito singular (e, num sentido, muito privilegiado) onde deve se colocar para estar pronto a assumir (em pensamento) todos os pontos de vista possíveis. E é somente à medida que ele é capaz de se objetivar a si mesmo que pode, ficando no lugar que lhe é inexoravelmente destinado no mundo social, transportar-se em pensamento ao lugar onde se encontra seu objeto (que é também, ao mesmo em uma certa medida, um alter ego) e tomar assim seu ponto de vista, isto é, compreender que se estivesse, como se diz, no seu lugar, ele seria e pensaria, sem dúvida, como ele. (BOURDIEU, 1999, p. 713)

Portanto, é preciso considerar que a intervenção do pesquisador ocorre na transcrição da entrevista, e também na elaboração da narrativa. Nesta pesquisa, as lembranças relatadas pela professora Livia, e por nós registradas, correspondem ao ponto de vista da narradora, e a elaboração de um texto único permitiu uma participação mais ativa do pesquisador na *construção de uma ‘história’*.

O rememorar da professora Livia de Oliveira produziu conhecimentos que podem ser compartilhados coletivamente. Ao registrá-los permitimos que outras pessoas reflitam sobre a temática aqui estudada, e ainda, produzam novas investigações. As informações trazidas pelo

relato da professora Livia promovem uma reflexão mais aprofundada sobre a Educação, e também sobre a constituição de um campo de investigação que passou a discutir a Geografia Escolar.

Assim, dizemos que as lembranças de Livia de Oliveira nos ajudam a compreender o presente e tecer considerações para o futuro no que se refere ao Ensino de Geografia no Brasil. Os registros de suas memórias elucidam a complexa relação entre política e educação; suscitam questionamentos relevantes sobre a necessidade de se incentivar a formação de professores que se dediquem a pesquisa, e não somente à prática da sala de aula.

As reflexões sobre o Ensino de Geografia foram surgindo à medida que a metodologia de pesquisa nos apontava os caminhos à compreensão da oralidade, e, portanto, da trajetória profissional da professora Livia.

É nesse sentido que escolhemos falar em *caminhos metodológicos*. A pesquisa realizada nos mostrou que o dado qualitativo possibilita ao pesquisador estabelecer inúmeras interpretações, tecer reflexões próprias associadas aos múltiplos olhares suscitados pela memória.

Dessa forma, salientamos que as considerações aqui tecidas fazem parte de um olhar particular sobre a trajetória de uma professora de Geografia, e não poderiam acontecer se não tivéssemos utilizado as memórias, as lembranças pessoais desta professora como recurso à reflexão sobre a Educação. As memórias de Livia são memórias da Educação, e foram estas que nos impulsionaram à discussões importantes concernentes ao ensino e, mais especificamente, ao desenvolvimento da disciplina Geografia como campo de investigação.

BIBLIOGRAFIA

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: Ferreira, Marieta de Moraes; Amado, Janaina. (Org.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1986. p.183-191

BOURDIEU, Pierre et.al. A Miséria do Mundo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

OLIVEIRA, Livia de. Consideração ao ensino de Geografia. 1967. 82 p., Tese (Doutorado), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade de Campinas, Rio Claro, 1967.

_____. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. 1978. 128 p., Tese (Livre Docência), Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

WOOLF, Virginia. Momentos de Vida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

Geórgia S. Picelli Laubstein Oliveira E-mail: georgia_picelli@yahoo.com.br
João Pedro Pezzato E-mail: joaopezzato@hotmail.com